

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 4

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**

DIÁLOGO
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 4:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Diálogos interdisciplinares 4: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração
Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação
Ilvan Filho

1ª edição

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

Este e-book, Diálogos Interdisciplinares 4 - Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia, é o compartilhar das pesquisas, realizadas por alunos, com o acompanhamento de seus professores-orientadores, no Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), com o objetivo de desvelar a construção do saber, consolidado no âmbito acadêmico.

Trata-se de uma coletânea de artigos, os quais, destacam-se como fontes de pesquisa e consulta, reiterando-se, portanto, essa obra, como de relevância, no perscrutar das práticas de sala de aula. As condutas de sala de aula denotam especificidades e singularidades, e evidenciam um processo de aprendizagem multidisciplinar, imprescindível, em tempos atuais.

A obra presta uma contribuição essencial como um legado da produção educacional realizada no Espírito Santo. A coletânea baseia-se em vivências e experiências de cada pesquisador, o que torna a narrativa ainda mais convidativa à leitura, em face ao fato de se traduzir em um conteúdo contextualizado e singular.

Estão em pauta aqui no foco Educacional estudos dos processos de aprendizagem significativa, de atendimento educacional especializado, de uma educação antirracista, da educação patrimonial na preservação da memória cultural, dos desafios da gestão escolar, de processos de inclusão escolar e acerca do papel do professor mediador em conflitos.

Bem como artigos no campo da saúde e do bem-estar, como sobre a atuação do fisioterapeuta na promoção da saúde de diabéticos e hipertensos, de um estudo acerca de um programa audiovisual na programação de atividades físicas direcionados à terceira idade, de atividades físicas motoras, do uso indiscriminado de analgésicos para o alívio da dor e um estudo sobre a violência sexual infantil.

Neste mosaico de estudos acadêmicos procuramos dar a ver um legado do passo a passo da produção realizada por discentes, com o suporte de seus orientadores, no Mestrado da UNIVC. Cada temática é o resultado de uma convivência de aprendizagem, persistência, colaboração e superação dos desafios. E é com muita satisfação que apresentamos mais uma edição dos Diálogos Interdisciplinares.

Ivana Esteves Passos de Oliveira e Luana Frigulha Guisso

Sumário

O USO INDISCRIMINADO DE ANALGÉSICOS PARA ALÍVIO DA DOR: SUAS CAUSAS E EFEITOS PARA SAÚDE	09
Alan Santiago Muri Gama e Giovanni Guimarães Landa	
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DO 6º ANO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO DEVER DE CASA	21
Aleziani Scherrer Santos e Yolanda Aparecida de Castro Almeida Vieira	
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS AFRODESCENDENTES PARA A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS: RECORTES DE UMA PESQUISA REALIZADA NO CMEI DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO ESPÍRITO SANTO	36
Ana Luiza de Souza Christófori e André Luís Lima Nogueira	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES	48
Carla Corrêa Pacheco Gomes	
VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES: A REALIDADE DE UMA ESCOLA	69
Cláudia Mariano Simões	
ATIVIDADE FÍSICA E AS HABILIDADES MOTORAS E COGNITIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” – PRESIDENTE KENNEDY/ES	92
Evilásio Mussy Caetano Júnior e Sônia Maria Da Costa Barreto	
VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL: UM ESTUDO ACERCA DO PAPEL DA ESCOLA NA RUPTURA DA CADEIA DE VIOLÊNCIA	112
Gabriela Vieira de Oliveira Piovezan	

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA EMEIEF SANTO EDUARDO – PRESIDENTE KENNEDY/ES: 2020/2021	163
Katia Corrêa Pacheco e Sônia Maria da Costa Barreto	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL	182
Kátia Cruz Ferreira Pinto e Yolanda Aparecida de Castro Almeida Vieira	
O ENSINO DE TABUADA ATRAVÉS DE JOGOS PARA OS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTALII – ITAPEMIRIM/ES	198
Keila Arcanjo Freitas e Joccitiel Dias da Silva	
AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL PARA PROGRAMA DE ATIVIDADES FÍSICAS VOLTADAS À TERCEIRA IDADE	219
Kleyton Corrêa Borges e José Roberto Gonçalves de Abreu	
O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR: UMA ANÁLISE ACERCA DA PEDAGOGIA TRADICIONAL E DA MEDIAÇÃO	236
Marilda De Souza Pereira Bernardo	
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	250
Rita Maria Fernandes Leal Moreira Cacemiro e Edmar Reis Thiengo	
ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DOS PACIENTES DIABÉTICOS E HIPERTENSOS NA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA DE SANTA LÚCIA, MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	273
Sara Neves Ribeiro e José Roberto Gonçalves de Abreu	
INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS ESPECIAIS E ACESSIBILIDADE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	296
Valdeis Correa Baiense e Marcus Antônio da Costa Nunes	
OS AUTORES	318
AS ORGANIZADORAS	321

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR: UMA ANÁLISE ACERCA DA PEDAGOGIA TRADICIONAL E DA MEDIAÇÃO

Marilda De Souza Pereira Bernardo

INTRODUÇÃO

No processo aprendizagem do aluno muitos são os sujeitos responsáveis por seu integral desenvolvimento cognitivo e social. É certo que os pais, os diretores e os coordenadores exercem um papel fundamental na estrutura do saber, todavia, o pilar dessa organização é mantido pela relação do discente com o professor, uma vez que, dentro da sala de aula, esse contato é direto e contínuo durante os anos escolares, principalmente nas séries iniciais.

Portanto, a figura do professor como um mediador na aprendizagem ganha maior proporção para o desenvolvimento de outras habilidades do educando, não se restringindo apenas a repassar o conteúdo programado, mas permitindo sua evolução no pensamento crítico e também em seu raciocínio de uma forma geral, completando integralmente a identidade do cidadão na formação humana.

Diante disso, o objetivo geral deste artigo, por meio de pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa e com ênfase bibliográfica, é trazer uma discussão a respeito do conceito de mediação, evidenciando a importância do papel do professor no processo de ensino aprendizagem do aluno.

DESENVOLVIMENTO

Na pedagogia tradicional o professor é o protagonista no processo educativo. Tirando do aluno toda sua bagagem na convivência social, sem ter a chance de

questionar, discutir sobre suas dúvidas em relação ao que foi dito pelo professor. Apenas o professor possui conhecimentos, o papel do aluno é receber o que lhe é transmitido sem interferências.

A denominada escola ou pedagogia tradicional foi a grande responsável pela manutenção da estrutura do contexto escolar no Brasil, até o final do século XIX. O docente exercia o papel de autoridade superior e inquestionável em sala de aula, transmitindo os conteúdos programáticos aos seus alunos de maneira verbal e insistindo-se na memorização destes, através da repetição.

Aponta-se que os conteúdos programáticos trabalhados não se relacionavam com as temáticas cotidianas, sendo que o discente, por sua própria dedicação e esforço, deveria, sozinho, conseguir aprender tudo que lhe era passado. Portanto, a educação era vista como um processo externo.

Diante disso, Saviani entende que o método tradicional pode ser chamado de intelectualista e enciclopédico, já que os conteúdos são trabalhados em sala independentemente das experiências e realidades sociais vivenciadas pelos discentes, com a figura do professor, unilateralmente, ocupando o centro do espaço de ensino e aprendizagem dos alunos (SAVIANI, 1991).

Ainda sobre a escola tradicional, destacando sua importância na formação da prática educacional formal, afinal, serviu como principal embasamento para os modelos atuais, verifica-se, inclusive, sua presença na essência do ensino até os dias de hoje.

O surgimento da escola tradicional está interligado aos sistemas nacionais de ensino, os quais se inspiraram na sociedade burguesa que já defendia que a educação é direito de todos e dever do Estado. Para tanto, construía-se a ideia de que uma educação de qualidade seria a grande responsável pela consolidação dos preceitos fundamentais de uma sociedade justa e democrática.

Vale clarificar que a pedagogia tradicional se fundamentou nos ideais de Rousseau, conhecida como “pedagogia da essência”. Esta ocupava-se em defender a igualdade/liberdade entre os homens, o que favoreceu a escolarização por meio dos sistemas nacionais de ensino.

Saviani ainda complementa que [...]“esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do Século passado” (SAVIANI, 1991, p. 545).

Quanto ao papel do aluno no processo de aprendizagem, destaca-se sua posição passiva em relação à aquisição do conhecimento. A abordagem tradicional pressupunha, apenas, a armazenagem de informações, transformando o ensino em uma função cumulativa de ideias e posicionamentos, de maneira que “[...] ao indivíduo que está adquirindo conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema (MIZUKAMI, 1986, p. 11).

Leão (1999) traz relevantes considerações a respeito das principais características da Escola Tradicional, sendo imprescindível mencioná-las para melhor compreensão da temática abordada. Inicialmente, verifica-se que o papel da escola era preparar de forma intelectual e moral os alunos, a fim de que fossem capazes de assumir uma posição significativa na sociedade, sendo comprometida com a cultura e os problemas sociais. Os conteúdos de ensino eram voltados para os valores sociais acumulados pelas gerações como verdades absolutas, sendo assuntos separados da realidade experimentada pelos discentes, sendo criticada por ser intelectualista ou enciclopédica.

Noutro seguimento, observa-se que os métodos se baseavam na exposição verbal da matéria, sendo todo o esforço dispensado pelo professor, havendo 05 (cinco) passos importantes a serem observados: Preparação, Apresentação, Associação, Generalização e Aplicação. Dava-se bastante ênfase nos exercícios com repetição de conceitos para memorização (LEÃO, 1999).

Acerca da relação entre professor-aluno, cabe esclarecer que a autoridade do docente era predominante, exigindo-se uma atitude passiva e receptiva do discente, sendo intolerável qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. Não havia permissão para questionamentos, sendo a disciplina imposta considerada eficaz para assegurar a atenção e o silêncio de uma verdade inquestionável.

Considerando a aplicação dessa prática pedagógica voltada, apenas, para a formação intelectual e moral dos alunos, as escolas eram consideradas locais oficiais de transmissão do conhecimento e que somente seria alcançar êxito no processo de ensino-aprendizagem dentro do espaço físico da sala de aula.

Com base nesse seguimento, os docentes trazem aulas de cunho expositivo para abordar os conteúdos programáticos determinados pelo Ministério da Educação (MEC). O discente deve entender a matéria, fazer provas, e, caso obtenha êxito em sua avaliação, poderá avançar de ano letivo.

Vale apontar que o aluno, como sujeito passivo do conhecimento, era apenas um espectador que deveria aprender ou decorar diversos conteúdos, mas sem que tivesse a oportunidade de contestar e expor seus próprios argumentos a respeito do que lhe era imposto. Essa metodologia tradicionalista carregava em si forte pragmatismo e nenhum dinamismo, pois não valorizava as diferentes capacidades e inteligências dos discentes, ou seja, “a falta de dinamismo fazia com que certos alunos aprendessem e outros não, já que a capacidade de aprendizagem varia entre as pessoas, cada um tem sua forma de aprender” (MOURÃO, 2021, s.p.).

Certo é que a Pedagogia Tradicional sustentou por muitos anos a educação brasileira, e, talvez, ainda sustente em menor escala, mas é inegável sua influência no centro do saber educacional atual: [...] “então sabe-se que a pedagogia tradicional vive até hoje em pequena escala, sua raiz foi de uma força muito grande e mantém essas influências até hoje, sejam elas boas ou más”. O mesmo autor ainda explica que são boas, [...] “no sentido disciplinar e cognoscitivo do aluno, má na questão psicológica e bruta do ensino sem emoção e sem relação entre professor e aluno, a falta de dinamismo e o excesso de conteúdo” (MOURÃO, 2021, s.p.).

Considerando que não se pode compreender a evolução das metodologias educacionais com um olhar fragmentado, há indiscutível harmonia na trajetória da educação tradicional até que se alcança o ensino atual, de forma que são complementos necessários para comparar-se e compartilhar-se dos erros e acertos de cada momento escolar vivido.

Todavia, a Pedagogia Tradicional começa a encontrar falhas na sistemática de sua aplicação, uma vez que a sociedade evoluiu e, com isso, a educação precisou acompanhá-la. Atualmente, o que se almeja do ensino escolar é este seja capaz de oferecer condições para que os alunos aprendam, criem, desenvolvam e, principalmente, inovem.

Contudo, em uma visão sistêmica da evolução da educação, há que destacar as principais diferenças entre as Pedagogias Tradicional, Nova, Tecnicista e Libertadora, as quais compuseram esse processo de amadurecimento das práticas educacionais até os dias atuais.

Inicialmente, conforme cediço, a Pedagogia Tradicional trazia um conteúdo pronto, acumulado ao longo dos anos que se mantinha acabado, de forma que deveria ser transmitido para quem aprende, de forma estática, sem acréscimos. Sobre essa perspectiva, Freire (2002) explica o motivo de sua inadequação:

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que Que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina. E de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um. Conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira. Como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, Sem o que não o aprende, o ensinam-te se ajuda a descobrir incertezas, Acertos, equívocos (FREIRE, 2002, p. 17).

Já na Pedagogia Nova, passou-se a interpretar o homem como um ser que se reconstrói em si mesmo, de forma que começa a alterar os significados de seu desenvolvimento e potencial. Em seguida, na Pedagogia Tecnicista, observa-se uma realidade volta a si mesma, com suas próprias leis, cabendo aos indivíduos apenas aplicá-las (SAVIANI, 1991).

Por derradeiro, a Pedagogia Libertadora, vinculada às ideias de Paulo Freire, traz uma realidade passível de mudanças pela própria atitude huma-

na, por meio de uma aproximação entre a realidade crítica e a consciência. Para Kowarzik (1983), há uma importante relação entre dialética e diálogo que definem a educação como:

[...] a experiência basicamente dialética da libertação humana do homem, que pode ser realizada apenas em comum, no diálogo crítico entre educador e educando, e entende que a dialética exige não somente do educador uma ação criadora própria, mas, simultaneamente, na inclusão prática da atividade educativa na experiência continuada do trabalho educacional com os educandos (KOWARZIK, 1983, p. 70).

Diante disso, nos dias atuais, concorda-se que é preciso fomentar no aluno sua competência racional e reflexiva sobre sua própria vivência em família e na sociedade como um todo. Dessa forma, o professor atinge o ponto mais alto da docência quando insere o educando no processo de ensino-aprendizagem, fazendo-o sentir-se parte de um contexto social como sujeito ativo, sentindo-se livre para pensar, questionar, sugerir, e, por certo, defender suas ideias e posicionamentos.

Dessa forma surge o respectivo questionamento: qual seria o papel do professor mediador no processo de mediação na educação?

Devemos confirmar que o trabalho a ser desenvolvido pelo educador que desempenha um papel de mediador no processo de ensino deve ser desenvolvido de forma que desperte no aluno o desejo de aprender, e para isso de maneira nenhuma se pode abandonar as conexões construídas com afetividade, pois auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, despertando no indivíduo valores e virtudes importantes para o desenvolvimento de cidadãos críticos.

Saviani (2003), ao defender uma pedagogia crítico-social dos conteúdos na qual professor e alunos se encontram numa relação social específica – que é a relação de ensino - com o objetivo de estudar os conhecimentos acumulados historicamente, a fim de construir e aprimorar novas elaborações do conheci-

mento, aponta que o ponto de partida da ação pedagógica não seria a preparação dos alunos, cuja iniciativa é do professor (Pedagogia Tradicional) nem a atividade, que é de iniciativa dos alunos (Pedagogia Nova), mas seria a prática social comum a professor e alunos, considerando que do ponto de vista pedagógico há uma diferença essencial em que professor, de um lado, e os alunos de outro, encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiências) da prática social.

Nesse sentido, o segundo passo ao se discutir uma pedagogia crítico-social dos conteúdos, de acordo com Saviani (2003), não seria a apresentação de novos conhecimentos pelo professor (Pedagogia Tradicional) nem o problema como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (Pedagogia Nova).

Caberia, neste momento, a identificação dos principais problemas postos pela prática social. E a este segundo passo, Saviani (2003) chama de problematização, através da qual se detectam questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar. Percebe-se então, a importância do enfoque social na aprendizagem da criança. É através da problematização desse “social” que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor. É justamente o que defende Saviani (2003, p. 11) como terceiro passo no processo de ensino, que “[...] um bom relacionamento entre professor e aluno pode produzir reações positivas em resposta aos estímulos voltados à aprendizagem, dessa forma o educando adquire confiança e intimidade levando a uma construção de conhecimentos com sentido”.

De acordo com Freire (2002), a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante, dessa forma, o professor deve em seu trabalho cotidiano provocar e estimular no educando, o pensamento crítico. Percebe-se, contudo, pelo que foi visto até aqui a fragilidade dos métodos tradicionais e repetitivos em abranger toda essa dimensão que é conceitual, emocional, crítica e social da aprendizagem. O professor precisa deixar de ditar normas padronizadas que medem todos os alunos com a mesma me-

dida e assumir o lugar de mediador da aprendizagem dos seus alunos respeitando suas particularidades, seu tempo e sua individualidade biológica.

Mediar é intervir, mas também facilitar o processo de aprendizagem, transformando aproveitando que o educando traz consigo. O professor precisa ir além de um quadro, pincel e livros. É necessário rastrear e identificar as habilidades dos alunos para então as explorar e potencializar ou reforçar, projetando, assim, o educando para além dos seus limites.

Nesta pesquisa, a discussão tem como objetivo destacar a atuação do educador no conhecimento e interação do aluno. Entende-se que, o método tradicional de ensino onde o professor é o protagonista e é dele a função de passar os conteúdos, ou seja, estabelecer uma relação restrita, impossibilitando o aluno de se expressar de forma crítica, relatar suas Saviani (2003).

Dessa forma há um trabalho conjunto entre o professor e o docente no contexto escolar, onde educador é o mediador entre o sujeito e o conhecimento, para que este possa ser autor das suas próprias descobertas.

Uma aprendizagem que aborda temas interessantes levando os alunos a se motivarem e provendo um ambiente agradável no qual ele possa discutir e agir de forma a caminhar de aprendizagem mecanizada, onde o professor ordena os passos, para uma aprendizagem significativa no contexto do educando. Tal educador precisa ser a ponte entre o aluno e o conhecimento o levando a pensar, questionar e se posicionar criticamente frente a situações do seu cotidiano.

Saviani (2003) e Freire (2002) afirmam que é possível desenvolver uma prática imbuída de teoria e significado capaz de produzir no aprendente uma mudança de comportamento, mudança de padrões. O trabalho deve ser desenvolvido de forma que desperte no aluno o desejo de aprender, e para isso de maneira nenhuma se pode abandonar as conexões construídas com afetividade, pois auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, despertando no indivíduo valores e virtudes importantes para o desenvolvimento de cidadãos críticos.

Notifica-se então, o grande valor social na abordagem escolhida para se trabalhar com as crianças e que o processo de ensino não consiste somente na transmissão dos conteúdos e nem se ater a avaliações que rotulam e estigmatizam, reduzindo o aluno a mero expectador sem que possa agir e se expressar. É necessário que se valorize a atuação contínua e efetiva do aluno, ouvi-lo e criar situações para que através da sua própria fala se proceda a aprendizagem, provocando no sujeito a vontade de expressar seus pensamentos críticos, indagações e argumentações por ele elaboradas.

O professor tem um papel fundamental em sala de aula. Além de ser o orientador, é preciso ser parceiro, alguém que compartilha e busca sempre significar sua prática ajustando-a com a realidade dos alunos de modo a possuir sentido para eles. Portanto, se torna necessária a interlocução, no processo de ensino e aprendizagem, de conteúdos sistematizados trazido pelo educador e a experiência adquirida pelo aluno no seu dia a dia. Situação de aprendizagem que busca adquirir conhecimentos articulados e assim chegando à aprendizagem sistematizada por meio de intervenções e mediações do professor.

Vygotsky defendia que a formação do aluno envolvia muito mais do que a absorção do conhecimento teórico, mas era fruto de um processo histórico social. Para o autor, as relações mantidas entre os indivíduos são as chaves da aprendizagem quando há troca de experiências e compartilhamento de sentimentos que aproximam o sujeito educador do educando (GESTÃO ESCOLAR, 2020, s.p.).

É salutar mencionar que, para Vygotsky, em síntese, identificam-se dois níveis de desenvolvimento, sendo o real e o cognitivo. Aquele traduz as capacidades que a criança possui de se formar sozinha, possuindo a habilidade nata de aprender com outro sujeito, por isso, a aprendizagem dialoga com o desenvolvimento. Nessa percepção, ressalta-se que a teoria da aprendizagem de Vygotsky defende que a criança já nasce com determinadas funções psicológicas, todavia, é um ser que se forma com base na experiência vivida em contato com a sociedade (VYGOTSKY, 2007, p. 17). Oliveira cita que, para Vygotsky, é impossível a formação humana de forma individual, pois “[...] na ausência do

outro, o homem não se constrói homem (OLIVEIRA, 1992, p. 68). Além disso, o renomado autor afirma que “[...] o saber que não vem da experiência, não é realmente saber” (VYGOTSKY, 1989, p.75).

A partir desse entendimento, infere-se que Vygotsky acreditava que o ser humano nasce com particularidades diferentes e essas particularidades vão mudando com decorrer do tempo, ressaltando, com frequência, que essa formação ocorre entre o sujeito e a sociedade em que vive ou de que faz parte. Segundo Ferrari (2010, s.p.) “uma criança nasce com as condições biológicas de falar, mas só desenvolverá a fala se aprender com os mais velhos da comunidade”. Portanto, o desenvolvimento da linguagem da criança vai depender do estímulo e do ambiente no qual ela está inserida.

É nesse momento que Vygotsky apresenta as chamadas zonas de desenvolvimento proximal, a qual, em suma, traduz-se no espaço entre aquilo que a criança é capaz de realizar de maneira independente e o que ela pode com a ajuda de um adulto. Justifica-se na “potencialidade para aprender, que não é a mesma para todas as pessoas; ou seja, distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial nas quais as interações sociais são centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, interrelacionados” (GESTÃO ESCOLAR, 2020, s.p.).

Noutra perspectiva, o desenvolvimento cognitivo abrange ensinamentos externos que são alcançados pela criança através da socialização com a própria cultura e com as lições advindas do processo histórico que norteiam o desenvolvimento humano. Assim, surge a principal manifestação de Mediação para Vygotsky: “[...] enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações [...]”.

Desta feita, a fim de que se possa entender melhor o posicionamento de Vygotsky quanto às comparações entre natural e social, ou seja, zona de desenvolvimento

proximal e zona de desenvolvimento cognitivo, vale observar que o autor defendia que por meio do trabalho o ser humano vem, ao longo da história social, criando o mundo da cultura humana e que o mundo social não pode ser explicado como uma continuação direta das leis que regem os processos biológicos. Perante tais considerações, constata-se que as ideias fundamentais de Vygotsky podem ser diretamente relacionadas com o instituto da mediação no que se refere aos desafios da aprendizagem.

Por certo, a função do professor nesse seguimento será o de facilitador do processo de aprendizagem do aluno, tendo o papel ativo de estimular a criança mostrando caminhos e provocando no discente a vontade de aprender. A criança, por si só, tem sua bagagem, ou seja, o que ela já aprendeu o meio em que vive e já sabe fazer sozinha, todavia, há muito a ser explorado no ambiente escolar.

Ao adentrar a instituição de ensino, o aluno passará por um longo processo de inserção de novos saberes e precisará de um adulto, em regra, seu professor, para que exerça o papel de agregar conhecimentos e desenvolver a capacidade de aprendizagem da criança. É nesse espeque que Vygotsky também cita a chamada zona de desenvolvimento proximal como sendo o caminho entre as atividades que a criança já desempenha sozinha e àquelas de que necessita de ajuda.

No centro dessa trajetória, o professor mediador será o grande facilitador desse progresso cognitivo, enfatizando-se que a função do docente é impulsionar o pequeno estudante a criar caminhos e formas para compreensão de novos conteúdos, dando-lhe condições de desenvolver habilidades e despertar-se para novas acepções da experiência formadora humana (VYGOTSKY, 2007, s.p.).

Sendo assim, faz-se necessário elaborar formas para que esse aluno sintasse entusiasmo para realizar as atividades propostas e esteja aberto a esses novos estímulos em um processo de desenvolvimento único, pois, o homem, como alguém capaz de transformar e ser transformado por meio das relações culturais, deve ser compreendido em um contexto geral, durante toda a sua vida, em trocas recíprocas de conhecimento.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, a discussão objetivou descrever a atuação do educador no conhecimento e interação do aluno. Entende-se que, o método tradicional de ensino, onde o professor é o protagonista e é dele a função de passar os conteúdos, ou seja, estabelecer uma relação restrita, impossibilitando o aluno de se expressar de forma crítica, relatar suas experiências e seus conhecimentos sociais, entretanto, deve-se considerar as experiências do cotidiano, de modo a construirmos nosso espaço escolar como um ambiente agradável e acolhedor para que o aluno se sinta à vontade para se expressar e se perceba atuante na construção da sua própria aprendizagem por meio de um processo de ensino que conceba um professor mediador.

Notifica-se, então, o grande valor social na abordagem escolhida para se trabalhar com as crianças e que o processo de ensino não consiste somente na transmissão dos conteúdos e nem se atém a avaliações que rotulam e estigmatizam, reduzindo o aluno a mero expectador sem que possa agir e se expressar.

É necessário que se valorize a atuação contínua e efetiva do aluno, ouvi-lo e criar situações para que através da sua própria fala se proceda à aprendizagem, provocando no sujeito a vontade de expressar seus pensamentos críticos, indagações e argumentações por ele elaboradas. Dessa forma, o professor exerce um papel fundamental em sala de aula, pois, além de ser o orientador, é preciso ser parceiro, alguém que compartilha e busca sempre significar sua prática ajustando-a com a realidade dos alunos de modo a possuir sentido para eles.

Diante do todo exposto, quanto à mediação pedagógica, atribui-se à Vygotsky os fundamentos iniciais do papel do professor como mediador, responsável pela conexão entre aluno e conhecimento. Aponta-se o posicionamento do discente como quem conduz o seu próprio processo de aprendizagem, ante suas individualidades.

Em função disso, quando há o ajustamento entre as teorias de Vygotsky e o papel do professor como mediador, infere-se que a correspondente missão engloba o meio em que se vive e a capacidade de aprendizado do indivíduo durante todo o processo de desenvolvimento, fortalecendo a estrutura da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Márcio. Nova Escola: **Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social** (2010). Disponível em: <<https://goo.gl/XfTrHk>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GESTÃO ESCOLAR. **Organização do trabalho pedagógico - pensadores da educação - Vygotsky**. 2020. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=326>>. Acesso em: 23 set. 2021.

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas contemporâneos de educação: Escola tradicional e escola construtivista**. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15741999000200008&script=sci_abstract&tlng=pt Ac>. Acesso em: 09 set. 2021.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOURÃO, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. Disponível em: <[file:///C:/Users/DELL/Downloads/Trabalho%20e%20Formacao%20Docente%20-%20livro%20IFPR%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/Trabalho%20e%20Formacao%20Docente%20-%20livro%20IFPR%20(1).pdf)>. Acesso em: 27 set. 2021.

OLIVEIRA, M. K. de. O verbal e o não-verbal. **Revista USP**, [S. l.], n. 16, p. 52-61, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i16p52-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25685>. Acesso em: 27 set. 2021.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**.

Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIGOTSKY LS. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1989.

VYGOSKY, L. S. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.